

# LEITURA E HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA: O ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO DO DISCURSO RELATADO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

Luiz André Neves de Brito (UERN)

[luizandre@uern.br](mailto:luizandre@uern.br)

## Introdução

Partindo do princípio de que nós falamos com as palavras dos outros para construirmos nossos discursos e de que é impossível um enunciador definir seu posicionamento sem correlacioná-lo a outros, nosso objetivo é mostrar como o gênero redação de vestibular emerge de uma prática enunciativa interdiscursiva. O presente trabalho elege o discurso relatado como um modo de abordar essa prática interdiscursiva.

Filiando-se aos trabalhos de Bakhtin (1999; 2003), Authier-Revuz (1990;1998; 2004), Maingueneau (2006), nossa pesquisa acentua o caráter dialógico-polifônico do discurso relatado, abordando-o não como um simples fragmento de língua, mas como um processo enunciativo-discursivo de um acontecimento em que o enunciador textualiza o discurso outro ao construir o seu ponto de vista.

Em nosso processo de análise, não só procuramos descrever os diferentes modos de discurso relatado, mas, sobretudo, interpretar as diferentes tonalidades dialógicas do discurso relatado que, por sua vez, nos permitem observar um duplo acontecimento discursivo: (i) uma prática de leitura resultante da interpretação dos textos da coletânea; (ii) uma prática de leitura resultante da interpretação de textos além-coletânea. Esperamos, por meio do processo de análise, mostrar como o modo de relatar discursos outros é uma das dimensões enunciativas que nos permitem tecer reflexões sobre a prática de leitura inscrita nos textos de pré-universitários e busca resposta para a seguinte questão: como a atividade da leitura engendra a atividade de escritura da redação no vestibular?

### 1. A prova de redação

Este trabalho investiga o acontecimento enunciativo-discursivo do discurso relatado em textos produzidos por alunos egressos do ensino médio. A situação de produção desses textos é o exame para ingresso na Universidade de São Paulo. O material analisado corresponde, portanto, a um conjunto de 346 redações produzidas no vestibular da FUVEST/2007.

No vestibular da FUVEST, com relação à prova de redação, espera-se que o candidato *demonstre capacidade de mobilizar conhecimentos e opiniões, argumentando com pertinência e expressando-se de modo coerente e adequado*. Ou seja, a instituição focaliza na adequação do texto do candidato a um certo tipo de “expressão” (o domínio da variante padrão culta da língua) e a um certo tipo de seqüências textuais: as seqüências dissertativo-argumentativas. Como se vê, por parte da instituição, há uma valorização de um certo tipo de expressão escrita e, como consequência, os candidatos (sob influência das “orientações” recebidas no ensino médio) procuram responder à essa “expressão”.

Em 2007, com relação à prova de redação, todos os candidatos tiveram de escrever uma *dissertação em prosa, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto: a amizade*. Para tal, os candidatos tiveram de se apoiar na leitura de uma coletânea composta por 04 (quatro) excertos – cada “um” expondo seu ponto de vista sobre a amizade. São eles:

Em primeiro lugar (...) pode-se realmente “viver a vida” sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda.

(...)

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.

Cícero, **Da amizade**.

Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocava por um reino: “Seguramente não, senhor, e, no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo”. E estava certo ao dizer se, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.

Montaigne, “**Da amizade**” (adaptado).

Amigo é coisa pra se guardar,  
Debaixo de sete chaves,  
Dentro do coração...  
Assim falava a canção  
Que na América ouvi...  
Mas quem cantava chorou,  
Ao ver seu amigo partir...  
Mas quem ficou,  
No pensamento voou,  
Com seu canto que o outro lembrou

(...)  
E sei que a poesia está para a prosa  
Assim como o amor está para a amizade  
E quem há de negar que esta lhe é superior?  
(...)  
Caetano Veloso, “**Língua**”.

Fernando Brant/Milton Nascimento “**Canção da América**”.

Além dos textos, o escrevente tinha de levar em consideração a seguinte instrução:

**INSTRUÇÃO:** A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antigüidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as idéias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.

Podemos ressaltar na leitura da instrução três elementos constitutivos que permitem acabamento tanto ao processo de escrita quanto ao processo de avaliação. São eles: (1) **adequação ao tema** – a amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas; (2) **leitura “adequada” do tema**, isto é,

leitura dos textos da coletânea e adequação de respostas às questões postas (que suscitam a habilidade de leitura dos candidatos) – *os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antigüidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as ideias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto?;* (3) **adequação à tipologia textual** (dissertativo-argumentativo) – *tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.*

Somam-se a esses elementos, a importância, a competitividade e o clima de tensão que cercam (e constituem) essa situação de avaliação que representa para muitos jovens uma espécie de rito de passagem necessário entre o fim do ensino médio e o ingresso ao ensino superior.

## 2. Concebendo a interação entre leitura e escrita

Até o presente momento do trabalho, procuramos acentuar os critérios situacionais da *redação no vestibular*. Esses critérios mostraram-se importantes para entendermos melhor o funcionamento desse gênero. No entanto, para que possamos tomar a *redação no vestibular* em seu sentido mais “amplo” precisamos penetrar no “acontecimento pluriestilístico” dessa prática discursiva, exercendo influência de dentro. Desafiemo-nos, portanto, a tocar naquilo que consideramos essencial para a “realidade pluriestilística” da *redação* no Concurso Vestibular: o modo como o *escrevente pré-universitário* inscreve o acontecimento discursivo da leitura (seus percursos de leitura) nos interstícios da sua escrita.

A apreensão dessa interação mostra-se importante, pois, tanto no processo de elaboração quanto no de correção, a prova de redação se mostra um exercício de leitura e de produção textual. Interessa-nos, portanto, trabalhar no espaço limítrofe desse acontecimento – lá onde leitura e escrita se interagem – para que possamos compreender melhor que tanto leitura quanto escrita não são atividades “encerradas em si”.

Tocar na *interação entre leitura e escrita* não é o mesmo que tocar na *relação entre leitura e escrita*: (i) na *relação*, as questões se voltam para a demarcação das convergências e das divergências entre leitura e escrita; (ii) na *interação*, as questões se voltam para o modo como essas duas práticas historicamente constituídas geram *atitudes responsivas* uma na outra.

Embora nos centremos na investigação do modo como o *escrevente* agencia sua figura de leitor nos interstícios da produção textual, acreditamos, assim como Reuter (1995), que o interessante dessa interação é não apenas observar *como o ato de ler influencia o ato de escrever*, mas, também, observar *como o ato de escrever influencia o ato de ler*. Dito isso, é preciso perceber que *tudo que se escreve se lê e tudo que se lê se escreve* (Alves Martins *apud* Reuter, 1995); que “ler e escrever são competências que não podem ser definidas em absoluto, como competências cognitivas independentes das condições sociais e culturais de seu desenvolvimento e de sua implementação” (Barre-de-Miniac, 2006:52).

Na esteira dessas reflexões, propomos que leitura e escrita não sejam competências compreendidas separadas em absoluto, mas em interação, ou seja, *escrever é ler* de alguma maneira, assim como *ler é escrever* de alguma maneira. Além disso, propomos que tais competências em interação não possam ser compreendidas

independentemente das suas condições socioculturais. Todavia, não as limitamos a um mero condicionamento sociocultural, pois, há sempre um sujeito leitor/escritor atuando e promovendo o acontecimento dessa interação.

No caso das redações, defendemos o posicionamento de que há sempre um escrevente tecendo o fio discursivo, procurando dar unidade a sua dispersão de leituras, construindo para o corretor a “ilusão” de um produto linear, coerente e coeso, com “introdução”, “desenvolvimento” e “conclusão”. Essa ilusão é motivada por um *projeto de discurso ou vontade de discurso* do escrevente que se faz em função de uma competência: mostrar a imagem de leitor.

Nesse sentido, acreditamos que uma análise da interação leitura/escritura só pode se mostrar fecunda se fizer explodir a transparência da linguagem e a unidade do sujeito leitor/escritor. Por mais estabilizado que seja o espaço discursivo em que observamos a interação leitura/escritura, não podemos supor que o sujeito leitor/escritor está na fonte do sentido, como se nada lhe escapasse, como se a linguagem fosse transparente e os sentidos pudessem ser “devidamente” controlados. Para nós, todo trabalho com o texto deve levar em conta o complexo processo de trabalho e de manobras realizadas por um sujeito histórico e culturalmente situado: “os sujeitos *são históricos e atuam*” (Possenti, 2002:102).

Como se vê, trabalhamos com a idéia de que os sujeitos não são meramente condicionados pelos acontecimentos sociohistóricos, mas agenciadores desses acontecimentos. Retomando uma passagem de *O discurso: estrutura ou acontecimento*, diríamos que os sujeitos fazem trabalhar “o acontecimento em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar” (Pêcheux, 2002, p.19).

Ao longo do capítulo, esperamos mostrar como os percursos de leitura do *escrevente* promovem o acabamento pluriestilístico do gênero instituído *redação no vestibular*. Para mostrarmos, no intradiscorso, os “nós” que esses percursos de leitura dão à dispersão de leituras, decidimos agrupar esse processo em dois grandes percursos: um percurso engendrado pela *intertextualidade interna* (percurso de **leitura interna**) e outro percurso engendrado pela *intertextualidade externa* (percurso de **leitura externa**). Através desses dois grandes percursos, procuramos explorar não apenas uma dispersão de leituras, mas, sobretudo, o modo como os *escreventes* fazem circular saberes escolares e não-escolares. Por meio desses percursos, procuramos mostrar como “lendo e escrevendo” o *escrevente* vai construindo sentidos, que se encontram no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória discursiva.

Propomo-nos a apreender a redação de vestibular nesse espaço de sistema de remissões ao discurso outro (aos textos da coletânea, a outros textos e a outros enunciados). Isso significa dizer que nossa unidade de análise não é somente o texto em si mesmo, mas, sobretudo, o espaço discursivo que emerge de uma prática interdiscursiva.

Nessa perspectiva, não podemos considerar as redações como uma unidade homogênea, mas como um processo enunciativo-discursivo que atua em verdadeiro nó sob um sistema de remissões a palavra do outro; sob um complexo sistema que se constrói nas relações intersubjetivo-dialógicas e em que se intrincam questões sobre *língua, história e sujeito*.

Para analisar esse sistema de remissão à palavra do outro e, sobretudo, o modo como se dá esse processo de remissão à palavra do outro (isto é, o modo como o discurso outro é textualizado), precisamos (a) inquietar-nos com o imenso formigamento de vestígios dos gestos de leitura que um indivíduo deixa em torno de si; (b) trabalhar as redações de vestibular nos limites da língua e do discurso, lá onde a

língua encontra o sujeito; (c) estar pronto para acolher cada momento dos gestos de leitura em sua irrupção de acontecimentos (cf. Foucault, 2002).

No caso das *redações*, perseguimos o imenso formigamento de vestígios deixados tanto pelos gestos de leitura interno ao evento (referimo-nos às leituras dos excertos da coletânea) quanto pelos gestos de leitura externo ao evento (referimo-nos às leituras além-coletânea). Observar esses gestos de leitura permite-nos “enxergar” os tipos de relações intertextuais que a prática discursiva em questão define como legítimos. Ademais, ao mostrarmos essas relações, encontramos-nos na juntura do discurso e das instituições que produzem e fazem circular os gestos de leitura.

Partindo do princípio dialógico de que nós falamos com as palavras dos outros para construirmos nossos discursos e da afirmação de que “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições” (Bakhtin, 2003: 297), investigamos o modo como o *escrevente* pré-universitário textualiza o discurso outro ao tomar um posicionamento. O processo de análise procura mostrar as diferentes *tonalidades* de textualização do discurso outro. No caso das *redações de vestibular*, essas diferentes *tonalidades* de apropriação do discurso outro nos permitem observar um duplo itinerário performático do escrevente na construção do seu ponto de vista sobre o tema: i) uma prática de leitura resultante da interpretação/articulação dos textos da coletânea; ii) uma prática de leitura além-texto da coletânea, resultante da mobilização de saberes legitimados que circulam na esfera escolar ou fora dela.

Perseguindo esse duplo itinerário performático, defendemos o posicionamento de que o processo de textualização (*assimilação, reelaboração e reacentuação*) do discurso outro é uma atividade constitutiva do *endereçamento* do gênero *redação de vestibular*. Segundo Bakhtin (2003), esse processo de apreensão do discurso outro tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso. Nesse sentido, o discurso “outrem” existe para o escrevente em dois aspectos: i) *como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados*; ii) *como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão* (Bakhtin, 2003, p. 294).

Ao observarmos esse triplo itinerário performático, não podemos deixar de ressaltar o reflexo da individualidade do escrevente, pois, ao textualizar o discurso outro, o escrevente o reveste de matizes de sua *entonação expressiva*. Dito isso, pretendemos mostrar como a textualização do discurso outro está constitutivamente emoldurada pela *entonação expressiva* do escrevente que penetra e se dissemina no discurso do outro, pois:

Um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for o objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo (Bakhtin, 2003, p. 289).

Segundo Volochinov (*apud* Bakhtin, 449):

A entonação estabelece um vínculo estreito da palavra com o contexto extraverbal: a entonação viva parece levar a palavra para os seus próprios limites. [...] A entonação está sempre na fronteira do verbal e do não-verbal, do dito e não-dito. Na entonação, a palavra contata

imediatamente com a vida. E é antes de tudo a entonação que o falante contata com os ouvintes: a entonação é social *par excellence*.

Para mostrarmos os modos como os gestos de leitura são inscritos no fio discursivo, tomamos a apreensão do discurso alheio como questão balizadora dos dois percursos de leitura. Essa apreensão deve ser vista da seguinte forma: (i) como um processo metalingüístico do modo como o locutor interpreta o discurso outro; (ii) o modo ativo como o locutor recebe/legitima/autoriza/faz circular o discurso outro; (iii) o modo responsivo como o discurso outro é emoldurado pela *entonação expressiva* do locutor que o relata.

### 3. Leitura e heterogeneidade enunciativa

Na história da análise do discurso, a consolidação da figura de Jacqueline Authier-Revuz é datada a partir da sua participação no colóquio “Materialidades Discursivas” em abril de 1980. Da lingüística, Authier-Revuz trazia elementos decisivos à problemática da heterogeneidade discursiva, colocando em evidência a presença do discurso outro no próprio discurso, isto é, as rupturas enunciativas no “fio discursivo” (cf. Maldidier, 2003). Essa problemática encontra-se no centro da questão do sujeito e da sua relação com a linguagem, pois, mostra como o dizer não é transparente. O dizer não é um reflexo direto do real do processo enunciativo, pois, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso, ele escapa ao enunciador (Authier-Revuz, 1990; 1998; 2004). Sabemos que as reflexões da autora não estabeleceram o texto como objeto de estudo e tampouco se propuseram a refletir sobre a leitura. Entretanto, acreditamos que suas reflexões sobre a heterogeneidade enunciativa podem nos fornecer elementos interessantes para a discussão que buscamos neste capítulo. Ao observar as “rupturas” enunciativas, Authier se interroga sob o modo como o outro se inscreve na seqüência do discurso sob a forma de “heterogeneidade mostrada”, compreendida na sua negociação com a “heterogeneidade constitutiva”. Nessa perspectiva, a lingüística precisa se constituir na sua relação com o seu exterior, recorrendo a abordagens que questionem o sujeito narcísico como fonte e senhor do seu dizer, ou seja, é preciso recorrer a um “exterior pertinente” para o campo lingüístico da enunciação, pois

quaisquer que sejam as precauções tomadas para delimitar um campo autonomamente lingüístico, num domínio como o da enunciação, o exterior inevitavelmente retorna implicitamente ao interior da descrição e isto sob a forma “natural” de reprodução, na análise, das evidências vivenciadas pelos sujeitos falantes quanto a sua atividade de linguagem (Authier-Revuz, 1990, p. 25).

É, então, em relação exterior à lingüística que Authier se propõe em descrever as formas lingüísticas mostradas que representam diferentes modos da negociação do sujeito com o a heterogeneidade constitutiva de seu discurso. Para investigar a relação entre esses dois planos (mostrado e constitutivo), a autora se filia aos trabalhos que questionam a unicidade discursiva: de um lado, a problemática dialógica do Círculo de Bakhtin e o interdiscurso de Pêcheux; do outro, a abordagem freud-laciana do sujeito e de sua relação com a linguagem.

Com relação ao dialogismo, a autora acentua a preocupação do Círculo em refletir sobre uma teoria da **dialogização interna do discurso**. Isso implica dizer que nenhuma palavra é neutra, mas “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” por um já dito, ou seja, as palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros”.

É nesse sentido que se constitui, segundo Authier, a teoria bakhtiniana da produção do sentido e do discurso, colocando “os outros discursos não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um centro exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso” (Authier-Revuz, 1990, p. 27).

Com relação ao **discurso como produto do interdiscurso**, Authier se filia à AD, cujas análises, para dar conta da produção do discurso (maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito), se voltam para o interdiscurso, ou seja, para as marcas recuperáveis do interdiscurso no intradiscurso (noção de pré-construído). Nesse processo, o sujeito é visto não como um enunciador capaz de escolhas, intenções e decisões, mas como suporte e efeito do seu discurso, ou seja, o sujeito é na realidade um efeito-sujeito.

Partindo do princípio de que *sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas*, a autora tem por objetivo observar na estrutura material da língua a polifonia não intencional de todo discurso, ou seja, observar a dupla concepção de uma **fala fundamentalmente heterogênea** e de um **sujeito dividido/descentrado**, efeito da linguagem. Isto é, um sujeito resultado de uma estrutura discursiva complexa atravessada pelo inconsciente. Essa divisão é, então, apagada e reconstrói-se a imagem (ilusão) do sujeito autônomo, por isso Freud coloca que *não há centro para o sujeito fora da ilusão*. Seguindo esse percurso teórico, Authier-Revuz ressalta como as teorias da enunciação não podem esquecer de que o Outro é constitutivo do sujeito e do seu discurso. Diz a autora:

Em ruptura com o EU, fundamento da subjetividade clássica concebida como o interior diante da exterioridade do mundo, o fundamento do sujeito é aqui deslocado, desalojado, em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito. Nesta afirmação de que, **constitutivamente**, no sujeito e no seu discurso está o **Outro**, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para a lingüística, esquecer. (Authier-Revuz, 1990, p. 29).

Para a autora, “é a estrutura material da língua que permite que, através da linearidade de uma cadeia, se inscreva a polifonia de um discurso” (Authier-Revuz, 2004: 62). Nesse sentido, circunscrever um ponto de heterogeneidade é opô-lo à unicidade da língua, do discurso, do sentido e remetê-lo a um alhures, a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar. Através dessas marcas de heterogeneidade, o discurso constitui a sua identidade, demarcando de que outro é preciso se defender e a que outros é preciso recorrer para se constituir. Dito isso, uma dupla designação é operada pelas formas da heterogeneidade mostrada: “a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente da linearidade da cadeia e de uma alteridade a que o fragmento remete” (Authier-Revuz, 1990, p. 30). No caso das *redações*, estamos tomando os percursos de leitura sob a forma de pontos de heterogeneidade. Ou seja, os percursos de leitura remetem a alhures, a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar.

Ademais, essas formas colocam um exterior em relação ao discurso que se constitui e remetem à figura do enunciador “observador” que “se coloca em qualquer momento distante da sua língua e de seu discurso, isto é, de se ocupar, diante deles, tomando-os localmente como objeto” (Authier-Revuz, 1990, p. 32). Vejamos, então,

como a autora aborda a divisão da heterogeneidade mostrada em *marcada* (modo explícito) e *não-marcada* (modo interpretativo).

**As formas marcadas (explícitas) de heterogeneidade mostrada** (formas desviantes do domínio do dito) representam as forças centrípetas da heterogeneidade constitutiva, construindo uma proteção necessária para que um discurso seja mantido, assegurando a identidade do “eu”, dando corpo ao discurso (pelos contornos, limites que traçam) e forma ao sujeito enunciador (pela atividade metalingüística que encenam). Em outras palavras, “é ao corpo do discurso e à identidade do sujeito que remetem as diversas formas da heterogeneidade mostrada em sua relação com a heterogeneidade constitutiva” (Authier-Revuz, 1990: 34). Para a autora, as formas marcadas correspondem a modos explícitos de representação do discurso outro. Por exemplo, o outro do discurso relatado – formas sintáticas que designam um outro ato de enunciação: o *discurso direto* e o *discurso indireto*.

No **discurso direto**, “são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples porta-voz” (Authier-Revuz, 2004, p.12). Vejamos alguns enunciados extraídos do *corpus*:

(1) **“Amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves”**. Esse trecho da música de Fernando Brant e Milton Nascimento fala sobre um assunto muito comum em trabalhos artísticos. A amizade. (Texto 287, §1º).

(2) **Em sua obra, Cícero, importante pensador da antiguidade diz: “os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol”**, ou seja, assim como o sol é um dos responsáveis pela vida em nosso planeta, a amizade é uma razão para viver. (Texto 140, §4º).

(3) **“Tenho duas mãos e o sentimento do mundo”** escreveu Carlos Drumond de Andrade. O poeta expressa a necessidade que ele e todos possuem de partilhar seus sentimentos (...). (Texto 340, §1º).

Linguisticamente falando, podemos ver que, nos enunciados acima, o *escrevente* relata as falas aspeadas como realmente proferidas por Fernando Brant e Milton Nascimento, Cícero e Drumond; o *escrevente* dramatiza um efeito de autenticidade. Esse é o efeito de sentido que o discurso direto constrói pelo fato de supostamente indicar as “próprias palavras” do enunciador citado. Um outro elemento característico do discurso direto é uso de verbos introdutores. Nos enunciados acima, podemos observar o uso de *verbos dicendi* (**fala** e **diz**) e uso de *verbos scribendi* (**escreveu**).

Podemos dizer que, nos exemplos acima, o *escrevente* mostra um enunciador (que é outra pessoa) asseverando um certo posicionamento. O *escrevente* introduz em seu discurso uma voz que não é a sua, mas que é responsável pelo posicionamento que o *escrevente* atribui a si. Tudo isso que acabamos de dizer pode ser traduzida nas seguintes palavras de Ducrot:

Neste caso, X (que é, ao mesmo tempo falante e locutor) faz ouvir, numa enunciação que reivindica como sua, a voz de Y asseverando que ele sabe tudo. Expressarei esse fato dizendo que o enunciado, embora dado a X como autor da enunciação (=locutor), atribui, no entanto, a Y (=enunciador da asserção de onisciência) uma asserção que X não assume como sua, mas que, contudo é dada como efetuada na própria enunciação pela qual X é responsável. (Ducrot, 1987, p. 141).



No **discurso indireto**, “o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do sentido dos propósitos que ele relata” (Authier-Revuz, 2004, p.12). Vejamos alguns enunciados extraídos do *corpus*:

(4) Todavia, tais relações não são exclusivas dos tempos atuais: **pensadores como Montaigne alertavam já que** eram mais comuns as relações superficiais oferecidas do que as amizades verdadeiras. (Texto 10, §3º).

(5) **Já afirmava Cícero na antiguidade que** suprimir as amizades da vida seria igual privar o mundo do sol. No entanto, na terra o sol é para todos, assim como as relações humanas. (Texto 65, §2º).

(6) **Pessimistas afirmam que** o capitalismo selvagem e a urbanização estão gradativamente esfriando os vínculos afetivos e desagregando a sociedade. (Texto 76, §3º).

Linguisticamente falando, o discurso indireto é marcado pelo uso de verbos introdutórios, porém as palavras do outro não são realmente citadas de modo aspeado; o *escrevente* relata o “conteúdo do pensamento” do outro. Isso mostra, brevemente, como o discurso indireto ouve de forma diferente o discurso outro; como a *análise é alma do discurso indireto*. Retomando as palavras de Bakhtin, o discurso indireto “integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado” (Bakhtin, 1999, p. 159).

**As formas não marcadas (interpretativas) da heterogeneidade mostrada** são mais arriscadas por jogarem com a diluição do outro no um; em outras palavras, as formas não marcadas constituem as forças centrífugas que diluem as fronteiras do outro no mesmo. Nesse sentido, o que está em jogo no campo da enunciação é a relação entre as condições reais de existência de um discurso e da representação que dele se dá. Por exemplo, no fragmento abaixo, é apenas em função do contexto (de uma exigência de coerência textual) que os enunciados em negrito podem ser caracterizados como discurso direto livre:

(7) Ora, mas será *possível* “viver a vida sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos?” **Claro que não**. A quebra dos *vinculos* sociais só podem trazer um profundo mal-estar individual e coletivo. (Texto 08, §4º).

Podemos observar que se instaura uma ambigüidade contextual. O *escrevente*, ao dizer “claro que não”, fala tanto de sua perspectiva quanto da perspectiva do enunciador de “viver a vida sem reconhecer a felicidade de encontra num amigo os mesmos sentimento?”. Há duas interpretações possíveis: (i) o *escrevente* toma para si o ponto de vista outro, interpreta-o e responde de sua própria perspectiva, ou seja, “claro que não” seria uma resposta dada pelo próprio *escrevente* à pergunta posta por Cícero; (ii) o *escrevente* assume o ponto de vista outro e responde de seu próprio ponto de vista, ou seja, “claro que não” seria uma possível resposta dada por Cícero. Em suma, mostramos como o enunciado “claro que não” expressa a fala do locutor de sua própria perspectiva, mas, de modo ambíguo, reflete também o posicionamento de Cícero. Tudo isso só pode ser observado por estar ancorado no contexto imediato.

Dando continuidade à discussão sobre formas mostradas não-marcadas, vale ressaltar exemplos de citação escondida ou alusão que, segundo Authier-Revuz, derivam do reconhecimento pelo interlocutor de um “já-dito” em outro lugar. Eis os

enunciados abaixo em que o *escrevente* textualiza trechos de “Canção da América” (um dos textos da coletânea):

(8) Também vale regar as sementes não tão próximas, para que virem as mais belas plantas da floresta que é nosso coração. Amizade pura é fundamental ontem, hoje e sempre **para o lado esquerdo do peito**. (Texto 68, §4º).

(9) Enfim, sem a amizade nada seríamos e não existe nada mais belo que aquela famosa frase: “suportaria, sem dor, que todos os meus amores tivessem partidos, porém, morreria se fossem embora todos os meus amigos” para nos convenceremos de que não há valor no mundo que pague **uma amizade guardada debaixo de sete chaves, dentro do coração!** (Texto 123, §6º).

Tomando as reflexões de Maingueneau (2006b; 2011) sobre o discurso relatado, poderíamos dizer que as duas formulações acima correspondem a exemplo de *participação* – palavra-valise que funde “participação” e “citação”. Essa noção difere da citação prototípica por não marcar em nenhum momento o discurso outro. Retomando as palavras de Authier-Revuz, a *participação* pode ser compreendida como um caso em que o outro é integrado à cadeia discursiva sem ruptura sintática. Nos dois exemplos acima, vê-se que o *escrevente*, em nenhum dos dois exemplos, não faz uso de marcas tipológicas (as aspas), nem explicita a fonte. Esse fenômeno é uma forma particular de co-enunciação, pois: (1) ao recorrer à participação, o *escrevente* não diz com precisão que se trata de uma citação, nem quem é o autor citado. O *escrevente* conta com o conhecimento prévio do *corretor*. Essa citação deve ser reconhecida como um trecho de “Canção da América” pelo *corretor*, sem que o *escrevente* diga explicitamente que está citando. Isto é, cabe ao *corretor* perceber que há aí uma citação escondida ou alusão à “Canção da América”; (2) ao enunciar “para o lado esquerdo do peito” ou “uma amizade guardada debaixo de sete chaves, dentro do coração”, o *escrevente* põe o *corretor* na posição de um membro da mesma comunidade discursiva que partilha dos mesmos saberes e das mesmas condições imediatas de produção.

Como se vê, o reconhecimento de uma *participação* depende ao mesmo tempo de fatores lingüísticos e extralingüísticos. Os exemplos destacados nas formulações (8) e (9) correspondem a *participações* em contato direto com as condições imediatas de produção. Vejamos, portanto, um exemplo em que o *escrevente* recorre a uma citação reconhecida de Fernando Pessoa sem deixar qualquer marca explícita de uma citação prototípica. Diante de uma reminiscência à conhecida frase de Fernando Pessoa “tudo vale a pena se a alma não é pequena”, o *escrevente* põe o *corretor* na posição de um membro da comunidade que partilha uma certa memória discursiva literária. Eis o enunciado:

(10) Encontros, reencontros, sorrisos, risadas, verdades, segredos, muitos amigos para todos nós. **Assim mais uma vez, tudo valerá a pena se a minha alma e a de todo mundo não for pequena**. (Texto 72, §4º).

Conforme pudemos observar, a atenção dada às formas de heterogeneidade mostrada (marcada e não-marcada) “pode contribuir, no âmbito do discurso, para manter a distinção entre o eu pleno e o sujeito que, ele, atropela e para evitar de denunciar o domínio como ilusão do sujeito, para recolocar tal distinção no nível dos mecanismos produtores dessa ilusão” (Authier-Revuz, 1990, p. 36). Ademais,

as formas de heterogeneidade mostrada, no discurso, não são um reflexo fiel, uma manifestação direta – mesmo parcial – da realidade

incontornável que é a heterogeneidade constitutiva do discurso; elas são elementos da *representação* – fantasmática – que o *locutor (se) dá de sua enunciação*. (Authier-Revuz, 2004, p. 70).

Com base nas reflexões da autora, as formas marcadas atribuem ao outro um lugar lingüisticamente descritível, mas é preciso, assim como a consideração da heterogeneidade constitutiva, uma ancoragem no exterior do lingüístico. Em suma, a hipótese da autora é a seguinte:

A heterogeneidade mostrada não é um espelho, no discurso, da heterogeneidade constitutiva do discurso; ela também não é “independente”: ela corresponde a uma forma de *negociação* com essa heterogeneidade constitutiva – *inelutável mas que lhe é necessário desconhecer*; assim, a forma “normal” dessa negociação se assemelha ao mecanismo da *denegação*. (Authier-Revuz, 2004, p. 72).

É nessa negociação que os percursos de leitura se instituem e que os “nós” entre heterogeneidade mostrada e constitutiva vão se constituindo, dando sentido ao projeto discursivo do *escrevente*. Esses “nós” nos permitem mostrar como o EU não está só, há um Outro que o persegue; mas, ao mesmo tempo, esses “nós” nos permitem mostrar discursos outros (percursos de leituras), eles nos permitem mostrar um trabalho do EU. Em suma, a identidade segue em direção à alteridade; ao circunscrever essa alteridade, a identidade se afirma e delimita até onde esse outro pode penetrá-la. É nesse delimitar que se dá o trabalho visível do *escrevente*. Quando dizemos que o trabalho é visível, não estamos dizendo que este trabalho é consciente. *Visível* não é sinônimo de *consciência*.

## Conclusão

Com base no processo analítico, podemos afirmar três aspectos:

- (1) O primeiro deles é que como os percursos de leitura inscrito no texto refletem e refratam a prática de leitura autorizada por uma instituição escolar. Portanto, ao enfatizarmos que as leituras mostradas para o corretor são engendradas com uma determinada prática escolar, tocamos no fato de que conceber os processos de leitura na sua interioridade lingüística estão condenados ao fracasso. Por isso, defendemos o posicionamento discursivo de que a análise de práticas de leitura e de escrita deve se constituir na juntura da linguagem e da instituição que produz e faz circular os enunciados;
- (2) O segundo deles é que o *escrevente* está em constante negociação com a heterogeneidade discursiva, com sua dispersão de leitura. No entanto, esse ato de negociação tece o efeito de unidade que se espera de uma *redação no vestibular*. Ao mostrarmos os percursos de leitura interno e externo, acentuamos como o lugar do outro no discurso não é ao lado, mas constitutivo do discurso. É, nesse sentido, que assumimos a concepção da heterogeneidade como própria da escrita e não apenas como presente na escrita;
- (3) O terceiro que põe em xeque a interação leitura/escrita como uma mera atividade de adequação. No caso da nossa pesquisa, mostramos como os percursos de leitura inscritos estão em constante negociação com uma memória escolar (com um já-experimentado na esfera escolar). Nesse sentido, o acabamento é dado não apenas pela situação imediata de produção textual, mas, também, por uma certa prática de leitura que já-experimentada nos “muros da escola”. Resumindo, o acabamento desses percursos de leitura é compreendido na experiência do acontecimento.

Por fim, chegamos à resposta da questão posta na introdução: como a atividade da leitura engendra a atividade de escritura da redação no vestibular? Esse engendramento dá-se em dois planos, um associado às condições imediatas de produção que nos permite mostrar como **o escrevente lê para a banca corretora** e outro associado às condições amplas de produção que nos permite mostrar como **o escrevente lê com o já-experimentado na escola**. Dito isso, defendemos a tese de que todo percurso de leitura que engendra a atividade escrita é marcado por interação desse duplo acontecimento: a **leitura para a banca** e a **leitura com o já-experimentado**. É nessa interação entre a “leitura para” e a “leitura com” que o escrevente mostra sua competência leitora.

#### Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, nº19, p. 25-42, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade*. Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. do Russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRÉ-DE-MINIA, Christine. Saber ler e escrever numa dada sociedade. In: CORREA, Manoel L. G. e BOCH, Françoise (orgs.). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 37-58, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas de Enunciação*. Organização Sírio Possenti e Maria Cecília Peres de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. *Estrutura ou acontecimento*. 3ª ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2002.
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar edições, 2002.
- REUTER, Yves. Les relations et les interactions lecture-écriture dans le champ didactique. In: *Pratique*, nº86, Juin, p. 5-23, 1995.